



Olgária C. F. Matos*

Louis-Auguste Blanqui e o século XIX: uma história política do céu

Resumo: *A Eternidade pelos Astros* de Blanqui, que Walter Benjamin, no final dos anos 1930, redescobre e insere nos quadros de seu projeto acerca das passagens de Paris, se inscreve, à sua maneira, na tradição dos escritos prisionais de “consolação da filosofia”. Condenado em Paris entre as Revoluções de 1830, 1848 e 1871 a duas penas-de-morte, duas prisões perpétuas e uma ao exílio, Blanqui passou mais da metade de sua vida encarcerado. Grande conspirador – contra a monarquia, a burguesia, o clero, a Franco-Maçonaria – em sua última prisão no Fort de Taureau surpreende ao compor uma obra de astronomia poética e filosofia existencial.

Palavras-chave: Blanqui, Benjamin, eterno retorno, Paris, modernidade.

Abstract: *The Eternity According to the Stars* by Blanqui, that Walter Benjamin rediscovers at the end of the 30ies and inserts in the frames of his Parisian Arcades project, belongs in some way to the prison’s writing tradition of “consolation of philosophy”. Condemned two times to death and to perpetual prison and one time to exile during the years of Revolution in Paris in 1830, 1848 and 1871, Blanqui spend half of his life in prison. Being an important conspirator against monarchy, bourgeoisie, clergy and freemasonry, he surprises writing a work on poetical astronomy and existential philosophy in his last prison in Fort de Taureau.

Keywords: Blanqui, Benjamin, eternal return, Paris, modernity.

* Professora Titular do Departamento de Filosofia da UNIFESP e da USP.

A Eternidade pelos Astros de Blanqui se inscreve, à sua maneira, na tradição dos escritos prisionais de “consolação da filosofia”.¹ Condenado em Paris entre as Revoluções de 1830, 1848 e 1871 a duas penas-de-morte, duas prisões perpétuas e uma ao exílio, Blanqui passou mais da metade de sua vida encarcerado.² Grande conspirador – contra a monarquia, a burguesia, o clero, a Franco-Maçonaria – em sua última prisão no Fort de Taureau surpreende ao compor uma obra de astronomia poética e filosofia existencial.³ Pois o gênero “consolação da filosofia” abrange escritos que diminuem o sofrimento, protegendo contra o destino:

no interior de uma vida mortífera, como a trajetória da luz na escuridão, a escrita será o fio condutor sobre o qual caminham os que vivem no encarceramento, o que os faz resistir, movimentar-se e se orientar [...], o espaço transformando-se em lugar de redenção, semelhante à cela de um retiro monástico.⁴

“Talismã contra a desventura”, *A Eternidade pelos Astros* testemunha que, contra a dor, o autor não hesita em pensar, pois, com a mesma intensidade de seus princípios revolucionários, há, neste ensaio, a paixão pelo conhecimento, pela leitura e pela escrita. Se antes proclamava que “as ideias não são nada sem a ação”, agora só pedia “um único sinal de afeto”: livros. No tribunal de Versalhes, diante de uma numerosa assistência, ele se define ao juiz:

- Acusado, levante-se. Como o Sr, se chama?
- Louis-Auguste Blanqui.
- Quantos anos o Sr. tem?
- Sessenta e sete anos.
- Qual seu endereço?

-
- 1 Lembre-se seus arquétipos, em particular a narrativa da morte de Sócrates no *Fédon* de Platão que a discípulos que se desesperavam com sua morte próxima, Sócrates repete os ensinamentos pelos quais não se deve temer a morte. Cf. ainda *Consolação a minha mãe Hélvia* de Sêneca e sua condenação à pena capital imposta por Nero, como também a *Consolação da Filosofia* de Boécio, prisioneiro sob Teodorico, e Gramsci e os *Cadernos do Cárcere*.
 - 2 Blanqui viveu uma época da História da França em que a aplicabilidade das penas era instável, sendo elas comutadas ou interrompidas segundo os caprichos dos jogos do poder.
 - 3 Mesmo pregando a guerra de classes, Blanqui se afasta tanto dos líderes da Revolução Francesa quanto o teria feito com respeito a um Lenin, pois lhe repugnam as perseguições e o terror, a guilhotina e os pelotões de fuzilamento. O pior castigo previsto por ele em seu tempo aos contrarrevolucionários é a expulsão da França. Neste sentido, com o observa Daniel Bensaaïd, Blanqui se aproximaria mais da pena de ostracismo da Democracia ateniense que do jacobinismo de 1794, por ele vigorosamente criticado. Aos “capitalistas vampiros”, a instrução e a educação do povo os tornará impotentes. Contra a guilhotina, anota Blanqui: “A fraternidade é a impossibilidade de matar seus irmãos”. (“La Critique Sociale”, in *Textes Choisis*, vol I, ed. Sociales, Paris, 1955, p.153.)
 - 4 Cf. ARAMBASIAN, Nella (org.). *Espaces de Vie de l'Artiste: les enfermements à l'Oeuvre*. Paris: Presses Universitaires de France-Comté, 2013, pp. 35 e 37.

- A prisão.
- Sua Profissão?
- Homem de letras.

Porque a consolação não é criadora de ilusões, tampouco evasão da dor, ela é uma ascese espiritual daquele que, em meio à despossessão, ao solipsismo e à abjeção, encontra uma forma de “santidade”.⁵

Literatura de consolo, nela encontram-se diferentes atitudes para com o mundo, como aquiescer, aceitando o que acontece, também a negação do mundo, como no Gnosticismo e sua visão anticósmica do mundo ou a recusa do mundo e o desejo de modificá-lo, superando seus aspectos negativos pela vontade e ação do homem. Escritos que tratam da diminuição dos sofrimentos de um luto, doenças, de traumas ou exílio constituem uma “visão de mundo”:

o que interessa nesta literatura de consolação é [...] transformar literalmente o olhar sobre as coisas para adotar um olhar de sobrevoos [*surplomb*], a fim de ressituar cada acontecimento no seio da ordem geral do mundo e do ponto de vista da eternidade. [...] A *Consolação a Márcia* contém, deste ponto de vista, uma passagem interessante: Sêneca imagina que se exponha à Márcia, no momento de seu nascimento [...] o conjunto dos elementos que compõem o mundo no qual ela vai entrar, o ritmo das revoluções dos astros, dos fenômenos naturais, em seguida da Terra vista do alto, com suas vastas planícies estendendo-se ao infinito, suas cadeias de montanhas, a multiplicidade da fauna e da flora, o oceano atravessado por embarcações, as cidades [...]. Mas encontrarás também sobre a terra mil flagelos, tanto do corpo quanto da alma: guerras, assassinatos, venenos, naufrágios, intempéries, doenças, lutos prematuros e a morte [...]. Em todos os casos, trata-se de se afastar do ponto de vista humano e limitado, que leva a aumentar infinitamente coisas que, na realidade, são microscópicas se se as julga do ponto de vista da ordem do mundo; microscópico, quer dizer, de pouca importância; por fim, e talvez principalmente, necessários pois se integrando em uma ordem mais geral.⁶

É que, na tradição antiga do domínio de si, grega e estoica, o sofrimento tem ele também seu pudor, mantendo-se uma nobre atitude diante da infelicidade:

Trata-se de um gênero literário bem codificado, cuja origem se encontra na

5 Cf. SOILSENIZSINE. *Arquipélago do Gulag*. Trad. A. Ferreira, Maria Listo e José Seabra. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

6 Doron, op. cit., p. 7-8.

retórica e na sofística grega. Considera-se Antífon como um dos primeiros consoladores que abriu na Ágora de Corinto um local de consolação; lá ele desenvolvia uma técnica retórica, fundada no logos, suscetível de reconfortar, consolar alguém que tivesse sofrido um luto, uma doença, um exílio ou qualquer outro acontecimento adverso na vida [...]. Era uma espécie de farmácia moral da perfeição [...]. Nas primeiras décadas do Império Romano, a maior parte das famílias aristocráticas tinham seu próprio filósofo titular que desempenhava este papel por ocasião de um luto! [...] Mas a prática da consolação e o gênero que a caracteriza não se limita apenas à antiguidade, tendo perdurado até o século XIX, revelando esta origem fantástica [...] para analisar as diferentes maneiras de lidar com a dor, de atribuir-lhe um significado, de comportar-se diante dela.⁷

Neste sentido, *A Eternidade pelos astros* não se lastima da sorte, não pretende elevar-se acima da lei comum que é a da fragilidade das coisas humanas, moventes e instáveis, tampouco é revolta contra esta condição, pois a vida está sempre sujeita à dor. Razão pela qual o consolo é a força para dizer o inconsolável.

O “grande encarcerado” teve uma vida fora do comum, cujo sentido, observa Miguel Abensour, foi, em um primeiro momento e por muito tempo, o de romper todas as barreiras:

antes da marca do martírio, deve-se ver [nele] a permanência de um inflexível objetivo, impermeável a todos os regimes: monarquia, república democrática ou conservadora, império [...]. Prisioneiro de todos os Estados, Blanqui se apresenta como um dos mais extraordinários denunciadores em ato da política do mundo moderno. Um prisioneiro perpétuo só poderia mesmo tender à destruição de todas as prisões, ao fim de todos os Estados.⁸

Durante os vários anos de suas prisões não renunciou a suas idéias e objetivos, declarando, do recinto fechado em que se encontrava, a guerra nas ruas, organizando barricadas e escrevendo suas *Instruções para pegar em Armas* em 1868. Diante do tribunal, confirma-se a si mesmo:

- Apesar de vinte-e-cinco anos de prisão, o Sr. manteve as mesmas ideias?
- Perfeitamente.
- Não apenas as ideias mas também a vontade de fazê-las triunfar?
- Sim, até a morte.

7 Cf. Doron, C.O., op. cit., p. 3.

8 ABENSOUR, M. Introdução a *L'Éternité par les astres*. Paris: Ed. de la Tête de Feuille, 1972, p. 207.

Em outro processo, declara ao magistrado que o inqueria:

– Qual é sua profissão?

Blanqui: – Proletário.

Presidente: – Isso não é uma profissão.

Blanqui: – Como não! É a profissão de trinta milhões de franceses que vivem sem trabalho e que são privados de seus direitos políticos.

Presidente: – Seja! Escrivão, anote que o acusado é proletário.⁹

Em 1892, no Fort de Taureau, na cela de sua última prisão, cercado pelo mar e impedido de aproximar-se da pequena abertura da qual só podia vislumbrar o céu acima, este eremita laico, escreve *A Eternidade pelos Astros*¹⁰. Blanqui constrói um itinerário sideral que libera do confinamento e da solidão: “eu me refugio nos astros onde se pode fazer passeios sem limitações.” À época de sua publicação, o jornal *Le Temps* refere-se ao ensaio de Blanqui:

Este pequeno livro é um sonho, o sonho de um presidiário. Não busque nele um tratado de verdadeira astronomia, mas procure até que ponto de angústia a solidão pode levar a imaginação humana. Há algo em comum entre a estrela e o prisioneiro, a estrela é o que resta de tudo que ele perdeu [...]. A natureza não lhe mostra mais nada senão de vez em quando um pouco de seu céu [...]. Eis um homem de quem quase a vida inteira se passou nas prisões. Eu não o julgo; apenas o considero com um banido da sociedade dos homens.¹¹

Em vez de tentar uma fuga escavando as muralhas do Forte, *A Eternidade pelos Astros* é uma passagem, a vertigem da abertura do espaço infinito e, simultaneamente, fechamento no Eterno Retorno cósmico. Neste sentido, em *L'Enfermé*, Gustave Geffroy observa: “[Blanqui] escreve seu destino no universo sem fim dos astros em todos os instantes da duração. Sua cela se multiplica até o incalculável. Ele é, no universo inteiro, o encarcerado que ele é nesta terra, com sua força revoltada, seu pensamento livre.”¹² É que o ativista, o militar, era também, como

9 Cf. “Défense du Citoyen Louis Auguste Blanqui devant la Cours d'Assises”, 1832, apud BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Ed. UFMG, BH, 2006, p.776.

10 Há uma extensa bibliografia de origem medieval conhecida como “poesia de cativo”, em que se tem acesso à realidade material e espiritual dos detentos, como uma versão secular do purgatório religioso: “É a poesia como exercício espiritual [...] no sentido etimológico da palavra. Exercício de respiração, exercício do ritmo nos limites de um espaço reduzido, sem horizonte, clausura em que o andar escande a metonímia interior, o coração pulsando na medida; exercício espiritual em seu sentido mais profundo também, aquele em que o andar é um exercício para tomar consciência de que a ação poética só é evasão [...] porque é um aprofundamento [desta] condição.” (Cf. VARAULT, Jean-Maéc. *Poètes en Prison: de Charles d'Orléans à Jean Genet*. Paris: Ed.Perrin, 1989, pp. 13-14.)

11 Jornal *Le Temps*, 5/03/1872, *L'éternité...*, op. cit., p. 179.

12 Apud BENJAMIN. *Passagens*, op. cit., “O Tédio, Eterno retorno”, D6,2, p. 153.

notam Miguel Abensour e Valentin Pelosse, um “filósofo”, um “alquimista” que erguia barricadas com palavras e utilizava as palavras como barricada. Com efeito, Blanqui exclama: “Por que a bandeira da Revolução é vermelha? – É que ela foi banhada mil vezes no sangue do proletariado.”¹³

Frank Chouraqui, por sua vez, enfatiza a transformação do homem de ação em homem de contemplação quando, em 1872, esperando ansioso a revisão de seu julgamento, encaminha *A Eternidade pelos Astros* a dois membros da Assembleia, Edmond Adam e Jules Barthélemy Saint-Hilaire. Aliados de Thiers, o presidente da República, Blanqui os toma como mediadores para que o Presidente considere que seu caso “não está nas mãos do ‘comissão das estrelas’, modificando a denominação ‘commission des grâces’, para conseguir as graças de Thiers”.¹⁴ A consciência histórica se concentrou, para Benjamin, na voz que “abalara” o século XIX por sua lógica dos extremos, pelo instinto revolucionário e, ao mesmo tempo, pela melancólica compreensão de que nada efetivamente pode mudar, tudo se repetindo no espaço e no tempo.¹⁵ ***A Eternidade pelos Astros é uma “ história do céu” como história universal, marcada pela melancolia de um tempo repetitivo e circular no espaço infinito:***

No fundo”, escreve Blanqui, “é melancólica esta eternidade do homem pelos astros e mais triste ainda este sequestro dos mundos-irmãos pela inexorável barreira do espaço. Tantas populações idênticas que passam sem terem suspeitado de sua mútua existência! [...] Ora, ela foi descoberta enfim no século XIX. Mas quem vai querer acreditar nisso?”¹⁶

Próximo do atomismo antigo, o materialismo de Blanqui também recusa a existência de qualquer finalidade última da natureza, de uma Providência ou causa inteligente tranquilizadora, tal como nos comentários de Simplicius acerca da física anti-finalista do atomismo antigo: “A antiga teoria que elimina a fortuna parece concernir a Demócrito, pois este autor, apesar de aparentemente fazer uso da fortuna na formação do mundo, diz entretanto que, nos casos particulares, a fortuna não é causa de nada.”¹⁷ O acaso não significa, aqui, nenhum déficit causal, mas apenas que o fortuito não depende de deliberação para que ocorra, porque se desconhecem as condições necessárias de sua efetuação. Razão pela qual a teoria da pluralidade dos

13 Cf. Apud ABENSOUR, M. *Libérert l’Enferme*. Paris: Ed. Sens et Tonka, 2014, p. 27.

14 Cf. CHOURAQUI, Frank. “Introdução à tradução inglesa de Blanqui: At the Crossroads of History: Blanqui at the Castle of the Bull”. Trad. Frank Chouraqui. London: Ed. Contra Mundum Press, 2013.

15 Cf. BLANQUI apud BENJAMIN, “O Tédio, Eterno Retorno”, in Passagens, op cit. pp 152,153.

16 BLANQUI, *L’Éternité par les astres*, p 168.

17 Cf. Salem, Jean, *Democrite: grains de poussière dans un rayon de soleil*, ed.l Vrin, Paris, 2002, p.84.

mundos de Blanqui aproxima-se dos antigos segundo os quais “ há uma infinidade de mundos entre os quais alguns são, não somente parecidos, mas sim perfeitamente iguais.”¹⁸ Neste sentido, a teoria da repetição de Demócrito é mais radical que o determinismo da teoria de Laplace. Com efeito, Laplace observa:

Devemos considerar o estado presente do universo como o efeito de seu estado anterior e como a causa do que seguirá. Uma inteligência que, em um instante dado, conhecesse todas as forças de que a natureza é animada e a situação respectiva dos seres que a compõem [...], abarcaria na mesma fórmula os movimentos dos corpos maiores do universo e os do mais leve átomo. Nada seria incerto para ela, e o futuro, como o passado, seria presente a seus olhos.¹⁹

Blanqui, leitor das obras de divulgação de Arago, tinha poucos conhecimentos de astronomia, mas incorpora, modificando-a, a doutrina do determinismo de Laplace que se teria esquivado da questão das “origens” do universo em sua resposta à surpresa de Napoleão – que não encontrara na ***Exposição do Sistema do Mundo de 1796 nenhuma menção a Deus ou à obra da Criação. Tendo Laplace respondido não ter necessidade dessa hipótese. Blanqui considera que Laplace não rejeitara formalmente Deus, por deixar o antes do Universo e o fora dele abertos a “extravagantes hipóteses”, isto é, para o reingresso de Deus na explicação do universo.***

Tendo por referência a teoria astronômica de Laplace e a tábua periódica dos elementos químicos de Mendeleiev, Blanqui recusa toda noção de origem e qualquer princípio de finalidade:

A natureza, em suas obras, não persegue nenhum fim, não leva em consideração nenhuma conveniência. Extraordinariamente fecunda, ela desperdiça sem piedade ou remorso. Porque se, em um sistema solar, quatro ou cinco planetas e uns trinta satélites nascem mortos por excesso de calor ou de frio, para ele isso pouco importa. [...] Procurar em toda parte não sei que refinamento de causas finais, pensamentos de ternura ou ódio, de cólera ou misericórdia, é uma aberração do espírito humano, perseguido pela eterna miragem de sua personalidade.²⁰

18 Cf. Cícero, *Premières Académiques*, trad. A. Q. Lorquet, disponível in

<<http://remacle.org/bloodwolf/philosophes/Cicero/academiques1.>>

19 LAPLACE. *Essai philosophique sur les probabilités*, apud SALEM, Jean, p. 85-86.

20 BLANQUI, op. cit., p. 123, nota.

Porque não há finalidade nem progresso, no mundo tudo é átomo²¹, a matéria se compondo de um número finito de corpos simples cuja combinação só poderia também ela ser finita, mas com a repetição infinita de combinações-tipos:

O universo inteiro é composto de sistemas estelares. Para criá-los, a natureza só possui cem corpos simples a sua disposição. Apesar do prodigioso partido que ela sabe tirar destes recursos e o número incalculável de combinações que eles permitem segundo sua vontade, o resultado é necessariamente um número finito, como o próprio número de elementos; e, para preencher a extensão, a natureza deve repetir ao infinito cada uma de suas combinações originais ou tipos. Todo astro, qualquer que ele seja, existe pois em número finito no tempo e no espaço, não somente sob um de seus aspectos, mas tal como ele se encontra em cada um dos segundos de sua duração, desde o nascimento até a morte. Todos os seres distribuídos em sua superfície, grandes ou pequenos, vivos ou inanimados, partilham o privilégio desta perenidade. A terra é um destes astros. Todo ser humano é pois eterno em cada um dos segundos de sua existência.²²

O universo de Blanqui é a fantasmagoria de um espaço-tempo povoado de cópias:

Diferenciadas, distintas, primordiais, originais, especiais, todas estas palavras exprimem a mesma ideia, são para nós sinônimos de *combinações-tipos*. [...] Fossem [os elementos] mil – e não o são – o número de *combinações-tipos* cresceria fabulosamente, mas não podendo alcançar o infinito, permaneceria insignificante em sua presença. [Pode-se] dar então por demonstrada sua impotência para povoar a extensão com *tipos-originais*.²³

Na teoria de Blanqui, sempre haverá ressurreição de choques atômicos que já ocorreram, estão ocorrendo e voltarão a ocorrer no infinito do espaço e do tempo, repetições que, multiplicadas, não comportam nenhum progresso:

21 Blanqui concebe o universo combinando elementos do materialismo atomístico e do estoicismo antigo e sua ideia de Eterno Retorno, sem, no entanto aceitar a religiosidade estoica da adivinhação e previsão do futuro. Na concepção estoica do cosmos como Perfeição, em cada instante as coisas são como são porque tudo o que é, é bom, haveria um estoque e uma multiplicidade de acontecimentos possíveis que um dia irão se esgotar, o mundo terminando na conflagração final na impossibilidade de algo novo. Com o retorno ao “fogo primordial” que é também um fogo criador, o mundo recomeçará e se regenerará exatamente idêntico ao que foi e, assim,. Sócrates voltará tal qual existiu, dialogará na Ágora e interminavelmente, tomará a cicuta. Tudo o que ocorre agora já foi vivido inúmeras vezes, só que no agora é esquecido. Deste ponto de vista, o tempo não é criador, o futuro já aconteceu, pois no universo tudo se liga em uma cadeia, o destino sendo a causa única que tudo comanda, divindade imanente a todos os existentes. (Cf. Zenão de Citium, in: *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. Marie-Odile Goulet-Cazé. Ed. Le Livre de poche. La Pochothèque, 1999.

22 BLANQUI, op. cit., p. 146 e ss.

23 BLANQUI, *L'Éternité*, p. 149.

Até agora, o passado representava para nós a barbárie e o futuro significava progresso, ciência, felicidade. Ilusões! Este passado viu sobre todos nossos globos-sósias as mais brilhantes civilizações desaparecerem sem deixar rastros, e elas desaparecerão novamente sem deixar nenhum também. O futuro verá de novo em bilhões de terras as ignorâncias, as tolices, as crueldades de nossos antigos tempos.²⁴

Tanto a natureza quanto a história estão sujeitas à caducidade, à transitoriedade, à decomposição²⁵, o universo se constituindo tão somente de sósias, de tal forma que todos nós fomos, somos e seremos eternamente gerados em bilhões de cópias idênticas em mundos que nunca conheceremos:

Eu tenho, neste minuto presente, por todas as nações do céu, uma multidão de sósias que se desesperam enjaulados no Fort de Taureau e pensam, como eu, em seus duplos encarcerados. [...] Aqueles que morreram desde o não-começo do mundo [já que o mundo não tem nem começo nem terá fim, como na teoria atomista], fizeram a mesma reflexão e daqui ao não-fim do mundo, milhares de outros que são jovens demais ou que não nasceram, o farão por sua vez, o que prova que passaram ou passarão todos pelo Forte de Taureau, emuralhados em uma casamata, em companhia de bichos-de-conta e aranhas, sósias igualmente entre si, estes companheiros de aposentados.²⁶

O céu de Blanqui é bem diverso do determinismo científico progressista, como também de um Paraíso que recompensaria o bem e baniria o mal, pois não há nenhum Deus no firmamento²⁷, nesse século sem o apelo do divino. Observando um

24 BLANQUI, idem, op cit. P168.

25 Cf. BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

26 BLANQUI, op. cit., 1972, p. 157. Em sentido próximo, também Benjamin anotou: “O passado traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está a nossa espera.” (Tese nº2, “Sobre o Conceito de História”, in *Obras Escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 223.)

27 Em seu livro, *L'Angelo Necessario*, Massimo Cacciari lembra que o tema astral, tão presente na tradição pagã quanto na judaico-cristã de divinização das estrelas, de “daimai” e anjos, retorna na “face noturna do moderno”. Não mais o daimon ministro da Necessidade, como entre os gregos, tampouco o Anjo que auxilia a alma a triunfar sobre o que parece predestinado, porque agora “a Terra é um anjo que percorre o céu [...] e que em seu seio também arrasta a mim” (FECHNER, T. H. *Über die Seelenfrage* (1661), apud CACCIARI, M., op. cit., p. 64). E Cacciari observa também que “consideração análoga poderia aplicar-se a *A Eternidade pelos Astros* (1872) de Louis-Auguste Blanqui, que tanto viria a interessar Walter Benjamin”(CACCIARI, M, op. cit., p. 64, nota 27.). Na modernidade, desaparece a missão angélica desses seres livres das leis do espaço e do tempo. Não mais “guardiães” de limiar, guias, intérpretes dos homens, tradutores do deus e iluminadores porque a separação entre o céu e a terra foi consumada. Época que desconhece Templos, é privado de espaço e

firmamento abandonado até mesmo do Deus escondido de Pascal, o céu constelado de Blanqui não é uma morada onde viver, mas o trajeto em que se desenrola um movimento limitado pela brevidade do corpo mortal e das sociedades no horizonte do tempo:

o calor, a luz, não se acumulam no espaço, nele eles se dissipam, possuem uma fonte que se esgota. Todos os corpos celestes esfriam por suas irradiações e brilho. As estrelas, formidáveis incandescências no início, culminam no negror de seu congelamento. Nossos mares, outrora um oceano de chamas, não são hoje mais do que água. Extinto o sol, elas serão um bloco de neve. [...] Estes milhões de estrelas, iluminação de nossas noites, só têm uma existência finita. Começaram com um incêndio e terminarão no frio e nas trevas.²⁸

Transformadas, de massas sólidas em vapor, as nebulosas só podem ser observadas ao telescópio sob o aspecto de um pálido brilhar, entremeadas de pontos luminosos, réstia de luz de uma “povoação de globos que ressuscitam na alteridade do tempo, na eternidade”²⁹. Não se trata, assim, de constância e repetitividade das leis da gravitação universal, como também não as da relatividade e da física quântica contemporânea, porque, para Blanqui, incerto é o espaço e incerto o tempo da realização de acontecimentos que já aconteceram, estão acontecendo e voltarão a acontecer. Razão pela qual, o tempo do cosmos não poderia ser o dos relógios:

É preciso distinguir o universo e um relógio. Quando um relógio se desregula, ele pode ser consertado. Quando se deteriora, pode ser reparado. Quando muito usado, ele é substituído. Mas os corpos celestes, quem os ajusta ou renova? Estes globos de chamas, tão esplêndidos representantes da matéria, desfrutam do privilégio da perenidade? Não, a matéria só é eterna em seus elementos e seu conjunto. Todas suas formas, humildes ou sublimes, são

de tempo (temnein-tempus), de qualquer dimensão especulativa. Os anjos nos ignoram, nem mesmo se dignam a destruir-nos porque deixaram de “nos olhar”: “Ó Anjo de alegria, já viste a desgraça/Os soluços, o tédio, o remorso, as vergonhas,/E o difuso terror dessas noites medonhas/ Que o peito oprimem como um papel que se amassa?/Ó Anjo de alegria, já viste a desgraça?” (BAUDELAIRE, “Reversibilidade”, in *Obra Completa*. Trad. Ivan Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. No “tempo do Tobias”, que fora acompanhado pelo Anjo Rafael em sua peregrinação, este tomara a forma de um jovem para guiá-lo sem o aterrorizar com suas formas angélicas. Anjo da delicadeza, seu tempo para sempre passou. (Cf. RILKE, “Segunda Elegia”, in *Elegias de Duína*. Trad. Dora Ferreira. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2005.) Também o Anjo melancólico de Dürer é, no “drama barroco” benjaminiano, o do luto porque divide com os homens a mesma caducidade. (Cf. *Origem do Drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1983.)

28 BLANQUI, op. cit., p. 138.

29 BLANQUI, op. cit., p. 140.

transitórias e perecíveis.³⁰

Transitórias e perecíveis, porém sob o signo da repetição.

Eis por que Blanqui critica a teoria de Laplace sobre a desagregação dos cometas. Laplace que considera que, por lhes faltar massa, os cometas não fazem parte da atração universal, desmanchando-se no espaço infinito. Em sua crítica, Blanqui anota:

Os cometas não são [para Laplace] nem de éter, nem de gás, nem um líquido, nem um sólido, nem nada de semelhante ao que constitui os corpos celestes, mas uma substância indefinível, não parecendo ter nenhuma das propriedades da matéria conhecida e não existindo fora do raio solar que os retira por um minuto do nada, para depois deixá-los recair nele. [...] Este astro fátuo se assemelha a um certo gigante das mil e uma noites, engarrafado por Salomão e, dada a ocasião, se expande pouco a pouco para além de sua prisão em uma imensa nuvem, para tomar uma aparência humana; e, depois, vaporizado e retomando o caminho do gargalo, desaparece no fundo do bocal.³¹

Para Blanqui não existe o “fora” do universo porque, para ele, o universo é uma Mônada na qual tudo é, ao mesmo tempo, transformação e imanência:

A se crer em certos cronistas dos céus, [...] para além da órbita terrestre estende-se um vasto cemitério de cometas com brilhos misteriosos, que ressurgem nas noites e manhãs dos dias puros. Reconhece-se os extintos por estas claridades-fantasmas, que se deixam atravessar pela luz viva das estrelas [...]. São criaturas inofensivas e graciosas, que tomam por vezes o primeiro plano nas mais belas noites estreladas [...]. Nosso mundo particular está repleto delas e, no entanto, mais da metade escapa à vista e mesmo ao telescópio. Quantos desses nômades elegeram domicílio entre nós? [...] Por mais etérea que possa ou deva ser a sublimação desses astros de cabeleiras, o [cometa] continua a ser matéria [...]. É da essência de cometas que se reproduzem esses diáfanos errantes.³²

Na concepção astronômica de Blanqui reúnem-se cosmologia e política, dela decorrendo uma doutrina democrática na qual todos os astros se tornam irmãos e toda a humanidade fraterna – mas não só, pois também os objetos integram uma

30 BLANQUI, op. cit., p. 83.

31 BLANQUI, op. cit., p. 134.

32 BLANQUI, op. cit., pp. 132-133.

irmandade cósmica. Os cometas são, assim, “ciganos sem teto”, os proletários do universo despossuídos de matéria e assim condenados a vagar sem rumo nas vastas extensões, como resíduos do mundo que não pode aceitá-los como plenos cidadãos. Na solidariedade universal do mundo de Blanqui, os astros luminosos são destronados da posição monárquica de que desfrutavam no espaço fechado e finito dos antigos³³, em que eram “reis”, e o sistema solar “reinos”, sua autoridade dissipada no horizonte do infinito. Desprovidos de autoridade, os astros devem, no entanto, continuar respondendo por obrigações para com seus reinos como verdadeiros servidores públicos, como modelos que, no entanto, ninguém segue: “as rainhas governam anonimamente seus reinos dispensando-lhes benefícios. Elas semeiam, mas não colhem. Elas têm as obrigações, não os benefícios. Embora sejam os mestres da força, elas só a usam pelo bem de sua própria fraqueza [...]. Caras estrelas! Raros são vossos imitadores.”³⁴

A visão cósmica e histórica de Blanqui é alucinatória, é a do tempo do Eterno Retorno e da Repetição infinita:

o universo é ao mesmo tempo a vida e a morte, a destruição e a criação, a mudança e a estabilidade, o tumulto e o repouso. Ele se ata e se desata sem fim, sempre o mesmo, com seres sempre renovados. Apesar de seu perpétuo devir, ele está moldado e fixado em bronze e imprime sempre a mesma página [...]. Pela graça de seu planeta, cada homem possui na extensão um número sem fim de duplos que vivem sua vida, absolutamente tal e qual ele mesmo a vive. Ele é infinito e eterno na pessoa de outros si mesmos, não somente em sua idade atual, mas em todas suas idades. Ele tem simultaneamente, aos milhares, em cada segundo presente, sócias que nascem, outros que morrem, outros de idades escalonadas, de segundo em segundo, desde seu nascimento até sua morte.³⁵

A teoria de Blanqui expõe o quanto é vão o mito da Ciência e o progresso social do século XIX, mito que se exprimiu, em seu tempo, na guerra franco-prussina

33 Cf. KOYRÉ, A. *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito e La Crise de la conscience européenne*.

34 BLANQUI. *L'Éternité*. Que se pense aqui na política Guarani, analisada por Clastres. O discurso proferido todas as tardes pelo chefe, é o lugar vazio do poder, pois ninguém o escuta: “a atenção particular que se presta – aliás nem sempre – à palavra do chefe não chega jamais ao ponto de deixar que ela se transforme em palavra de comando, em discurso de poder [...]. Resulta daí que não somente o chefe não formula ordens (sabe de antemão que ninguém as obedecerá), mas que não pode (isto é, não detém o poder) arbitrar quando, por exemplo, apresenta-se um conflito entre dois indivíduos ou duas famílias. Ele não tentará regrar o litígio em nome de uma lei ausente da qual ele seria o órgão [...]. A chefia, na sociedade primitiva, é apenas o lugar suposto e aparente do poder. Qual o lugar real? É o próprio corpo social que o detém e exerce como unidade indivisa.” (“A Questão do poder nas sociedades primitivas”, in *Arqueologia da Violência e outros ensaios*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 108 e 110.

35 BLANQUI, op cit pp 165-164.

de 1871, que buscava realizar o progresso pela unidade alemã, ou a França, no Segundo Império de Napoleão III, a da haussmanização de Paris³⁶ com seu “embelezamento estratégico”, Alemanha e França procurando ser Estados modernos. Nas *Passagens*, Benjamin anota: “A ideia do eterno retorno faz surgir magicamente a fantasmagoria da felicidade, a partir da miséria dos anos de modernização alemã. Essa doutrina é uma tentativa de conciliar as tendências contraditórias do prazer: a da repetição e da eternidade”³⁷. Essa repetição tem como contrapartida o heroísmo de Baudelaire, “que faz surgir magicamente a fantasmagoria da modernidade a partir da miséria do Segundo Império.”³⁸

Guerras e progresso nacional são repetições da História, o que não exclui, entretanto, para Blanqui, outros mundos possíveis. Porque no infinito não há começo nem fim, a eternidade está repleta de repetições, e o possível se confunde com o real. Os mundos duplicados de Blanqui se diferenciam uns dos outros, apresentando inúmeras variantes antes de encontrarem uma semelhança completa. E isto porque a cada momento surgem milhares de direções diferentes de que a humanidade elege uma, deixando as demais para serem seguidas pelos sócias:

uma terra existe em que o homem segue uma estrada desdenhada em uma outra pelo sócia. Sua existência se duplica, um globo para cada uma, depois se bifurca uma segunda, uma terceira vez, milhares de vezes. Ele possui assim sócias completos e inúmeras variantes de sócias que multiplicam e representam sempre sua pessoa, mas não tomam senão os farrapos de seu destino. Tudo o que se pôde ser aqui em baixo, é-se em alguma outra parte. Além de sua existência inteira, do nascimento à morte, que se vive em uma multidão de terras, vivem-se outras em outras dez mil edições diferentes.³⁹

36 Cf. BENJAMIN, “Alguns temas em Baudelaire” e *Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*.

37 Cf. BENJAMIN, W. *Passagens*, op. cit., p 157.

38 Cf. BENJAMIN, W. *Passagens*, op. cit., p 157.

39 Cf. BLANQUI, op. cit., p. 120-121. Também Benjamin considera as diferentes possibilidades de uma vida. Assim como o futuro é contingente, o passado também o é, e assim o possível ressurgente. Para Benjamin, grafólogos, quiromantes, astrólogos, cartomantes não possuem um saber antecipado de nossas vidas, apenas imagens de nós mesmos e desse eu movente que nos são apresentadas como máscaras: “a pretensa imagem interior que nós trazemos em nós de nossa própria essência é, a cada minuto, pura improvisação. Ela se orienta por inteiro pelas máscaras que lhe são apresentadas. O mundo é um arsenal de tais máscaras[...]. A [um] jogo de máscaras aspiramos como a uma embriaguez, e é o que faz viver até hoje as cartomantes, os quiromantes, os astrólogos. Eles sabem nos colocar em uma dessas pausas silenciosas do destino, nas quais só mais tarde se nota que elas continham o germe de um destino completamente outro do que o que nos foi reservado.” Assim, a pausa do destino é a presença do acaso, do fortuito, do aleatório, como no jogo: “O que é o jogo senão a arte de viver num segundo as mudanças que o destino geralmente só produz ao longo de muitas horas e mesmo de muitos anos; a arte de acumular num só instante as emoções esparsas na lenta existência dos outros homens, o segredo de viver toda uma vida em alguns minutos?[...]. O jogo é um corpo a corpo com o destino.” Cf. BENJAMIN, “Arquivo O, Prostituição, Jogo”, O,4^a, op. cit..

Assim também, as bifurcações temporais comportam mundos distintos e igualmente possíveis, divergentes, convergentes e paralelos, que se aproximam, se cruzam ou se ignoram, em que alguns indivíduos existem, mas não em nós, em outros nós e não os demais, e em outros, os demais e nós. Por isso também, a história universal não é uniforme: “Napoleão pode ter perdido em Waterloo e ganhado em Marengo, gerando duas histórias completamente diferentes e mesmo opostas.”⁴⁰ Com a teoria da repetição, Blanqui critica não apenas as teorias do progresso, a teleologia e a arqueologia, mas todo triunfalismo:

O que chamamos progresso está emparedado em cada terra e desaparece com ela. Sempre e em toda parte, nos rincões da terra, o mesmo drama, o mesmo cenário no mesmo palco estreito, uma humanidade ruidosa, enfatuada de sua grandeza, acreditando-se o universo e vivendo em sua prisão como em uma imensidão, para desaparecer logo com o globo que levou para o mais profundo desdém, o fardo de seu orgulho.⁴¹

Só dispondo em sua cela de uma fresta para olhar mais além, Blanqui revê o significado primeiro de revolução, o da astronomia. *Revolutio* é re-volver, é o movimento circular que faz retornarem as coisas a um ponto de seu ciclo, de tal forma que, em *A Eternidade pelos Astros*, não há revogação do passado ou do futuro, mas ênfase na totalidade da História em cada um de seus pontos e nos quais se expandem todas as possibilidades do passado e do futuro, os conteúdos da memória e da esperança, tanto os altos feitos e êxitos, quanto misérias e fracassos. A lógica da História é imutável, havendo o eterno retorno dos acontecimentos, a repetição infinita na diferenciação dos tempos. Nas *Passagens*, Benjamin nota:

O último texto de Blanqui [*A Eternidade pelos Astros*], escrito em sua última prisão, permaneceu a meu ver totalmente despercebido até hoje. Trata-se de uma especulação cosmológica. É preciso admitir que, ao primeiro olhar, o texto aparece banal e de mau gosto. Entretanto, as desajeitadas reflexões de um autodidata são apenas o prelúdio de uma especulação que não se imaginaria de modo algum encontrar neste revolucionário. Na medida em que o inferno é um objeto teológico, esta especulação pode ser denominada teológica. A visão cósmica que expõe Blanqui, tomando seus dados à ciência natural mecanicista da sociedade burguesa, é uma visão do inferno – e é, ao mesmo tempo, um complemento da sociedade que Blanqui, no fim de sua vida, foi obrigado a

40 Cf. PELLICER, Rosa. “La Eternidad Melancólica de los mundos posibles: Borges, Bioy Casares”, In: *Variaciones Borges* 15, 2003, p. 98. Cf. sobre vidas paralelas, Kiesloviski, “A Dupla Vida de Veronique”, “Corra Lola Corra”, etc..

41 BLANQUI, *A Eternidade*.

reconhecer como vitoriosa. O que causa um choque é a ausência de qualquer traço de ironia nesse esboço. É uma rendição incondicional, porém, ao mesmo tempo, a acusação mais terrível contra uma sociedade que projeta no céu esta imagem do cosmos como imagem de si mesma. O texto, estilisticamente muito marcante, contém as mais notáveis relações tanto com Baudelaire quanto com Nietzsche.⁴²

Em diversos fragmentos das *Passagens*, Benjamin volta à questão: “*L’Éternité par les Astres* foi escrito quatro, no máximo cinco anos após a morte de Baudelaire (no mesmo tempo da Comuna de Paris?).-Mostra-se neste texto o que as estrelas provocam *naquele* mundo do qual Baudelaire, com justa razão, as excluiu.”⁴³ Neste sentido, pelo tema do Eterno retorno, se reúnem, para Benjamin, as *Flores do Mal* de Baudelaire, *A Eternidade pelos Astros* de Blanqui e a *Vontade de Potência* (Eterno Retorno) de Nietzsche.⁴⁴ Por isso Benjamin refere-se à teoria da repetição e ao eterno retorno dos astros em sua trajetória: “Sobre *l’Éternité par les astres* [de Blanqui]: neste texto está disposto o céu no qual os homens do século XIX veem as estrelas.”⁴⁵

A modernidade foi detectada por Blanqui, Nietzsche e Baudelaire, como a “imagem escondida” (*Vexierbild*) do eterno retorno e da repetição, a dos astros no espaço sideral e das vidas na terra. Com efeito, o céu do século XIX “secularizou a Via Láctea” com a iluminação a gás e a elétrica, revelando a Baudelaire a opressão que abrangeu terra e céu e nada deixou de liberdade à vida do espírito. Neste sentido, Benjamin observa:

a cidade grande não conhece o verdadeiro crepúsculo da tarde. Em todo caso, a iluminação artificial impede sua lenta transformação em noite. A mesma circunstância faz com que as estrelas desapareçam do céu na cidade grande; e menos ainda se percebe seu surgimento. A maneira como Kant descreve o sublime através da ‘lei moral dentro de mim e do céu estrelado acima de mim’ não poderia ter sido concebida por um habitante da cidade grande.⁴⁶

42 BENJAMIN. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 152, frag. D5a,6. Benjamin identifica o tema comum a Baudelaire, Blanqui e Nietzsche. Baudelaire antecipando o Eterno Retorno de Nietzsche. Lembre-se que Baudelaire frequentava o círculo Blanqui em Paris. Nestes autores encontra-se a crítica à ideia de progresso; também o lema marxista da alienação do trabalho e do fetichismo da mercadoria é substituído pela fantasmagoria da produção em série e do Eterno Retorno.

43 BENJAMIN. *Passagens*, op. cit., D9,1, p. 156. Baudelaire se refere à iluminação de Paris que privou o cidadão do lento cair da tarde. (Cf. “Crepúsculo da Tarde”).

44 Carta a Horkheimer, op. cit. No arquivo sobre “O Tédio”, das *Passagens*, são inúmeras as referências a Baudelaire, Nietzsche, Blanqui e ao tédio da repetição do mesmo.

45 BENJAMIN. *Passagens*, p. 152.

46 BENJAMIN. *Passagens*, p.388. A iluminação a gás alterou, desorganizando-as, as relações tradicionais entre o dia e a noite, criando uma luz fantasmagórica, cuja magia, à noite, confere às ruas um aspecto de festa perpétua que transporta o passante dos bulevares, passagens, cafés ou teatros a uma cidade de ficção.

Essa iluminação se liga ao fetichismo e às fantasmagorias porque o dia de trabalho industrial passou a ter vinte-e-quatro horas, indiferenciando assim o dia e a noite, tempo de trabalho e tempo do repouso, o tempo convertido em um dia perpétuo.⁴⁷ É esse o céu que o habitante da cidade grande tem acima de si, não mais a abóbada protetora dos antigos em que o adivinho lia nas estrelas os caminhos deste mundo. Ao se referir ao céu do século XIX em seu entrecruzamento com o cosmos antigo, Benjamin cita Karl Löwith, comentando o pensamento de Nietzsche que, a igual título de Baudelaire e Blanqui, reconheceu o tempo repetitivo do tédio: “Löwith denomina ‘nova adivinhação’ de Nietzsche a ‘síntese da adivinhação primeira, baseada nas estrelas do céu, e da adivinhação segunda, inspirada pelo nada, que é a última verdade no deserto da liberdade da capacidade individual.”⁴⁸ Este “deserto da liberdade” é quase sinônimo do “nada” ou pelo menos da consciência do nada, um niilismo lúcido que aproxima Nietzsche e Baudelaire. O que foi, morreu e seu luto é impossível, eis o que se encontra nas bases da experiência metafísica do *spleen*:

no *spleen* o tempo se coisifica, os minutos engolem o homem como flocos. Este tempo está fora da História, como o da memória involuntária. O *spleen* aguça assim a percepção do tempo de maneira natural em cada minuto, a consciência está pronta para amortecer o choque que [essa percepção] provoca nela.⁴⁹

O firmamento das estrelas fixas e dos astros errantes que a Antiguidade contemplou não é mais o da beleza e perfeição misteriosa, mas sim, como o

47 O presente perpétuo traz consigo o fim da separação entre o dia e a noite, o trabalho e o repouso. Em seu livro *O Capitalismo ao assalto do sono*, Jonathan Crary analisa pesquisas militares nos EUA para que soldados possam permanecer despertos 24 horas durante sete dias da semana, sem os prejuízos causados por anfetaminas e outras drogas. O ideal de uma vida ativa e “conectada” a qualquer hora do dia ou da noite se inicia no século XVII: “por volta da metade desse século, o sono se viu desalojado da posição estável que tinha ocupado nos quadros tornados obsoletos do aristotelismo e da Renascença. Começou-se a apontar sua incompatibilidade com as noções modernas de produtividade e racionalidade, e Descartes, Hume ou Locke estão longe de ser os únicos filósofos a negar ao sono sua pertinência com respeito às operações do espírito ou à busca do conhecimento. Ele foi desvalorizado em proveito da preeminência concedida à consciência e à vontade, bem como à noção de utilidade, objetividade e interesse pessoal como móbil da ação. Para Locke, o sono aparecia como uma lastimável, embora inevitável, interrupção na realização das prioridades assinaladas aos homens por Deus [...]. Para eles mostrarem-se industriais e racionais [...]. A força homogeneizante do capitalismo é incompatível com qualquer estrutura intrínseca de diferenciação: sagrado/profano, carnaval/trabalho, natureza/cultura, máquina/organismo. Neste movimento, as concepções remanescentes do sono como algo natural se tornam inaceitáveis. As pessoas, claro, continuarão a dormir [...]. Mas não é menos verdade que o sono passa a ser uma experiência desconectada das noções de necessidade e de natureza [...], sendo mais uma função variável que é preciso gerir, que só se define de maneira instrumental e fisiológica.” (p. 22).

48 Cf. BENJAMIN. *Passagens*, p. 157.

49 BENJAMIN. *Passagens*, p. 420.

caracterizou Baudelaire, a “cúpula spleenática do céu” que, como uma “tampa”, pesa sobre o mundo:

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como uma tampa
Sobre o espírito exposto aos tédios e aos açoites
E, unguindo toda a curva do horizonte, estampa
Um dia mais escuro e triste do que as noites;
Quando a Esperança, qual morcego espavorido,
As asas tímidas nos muros vai batendo
E a cabeça roçando o teto apodrecido
Os sinos dobram, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um uivo horripilante
Com os espíritos sem pátria e vagabundos
Que se põem a gemer com voz recalcitrante
Sem música ou tambor, desfila lentamente
Em minha alma uma esguia e fúnebre careta
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente
Enterra-me no crânio uma bandeira negra.⁵⁰

Do cosmos antigo, cujo silêncio enchia Pascal de angústia e pavor, emanavam os eflúvios de Saturno que tornavam o homem refinado e sensível, ao mesmo tempo que moroso e indeciso, desesperado e inconsolável. Da Melancolia, Anjo visionário e de Imaginação alada da Renascença, só restam o tédio e o Eterno Retorno. Benjamin cita Nietzsche:

Pensemos este pensamento em sua forma mais terrível: a existência, tal como ela é, sem sentido ou objetivo, porém repetindo-se inevitavelmente, sem um final, no nada; ‘o eterno retorno’[p.45]... Negamos objetivos finais: se a existência tivesse um este deveria ter sido atingido.⁵¹

No mundo contemporâneo em que tudo passa a ter um valor mercantil, a existência é “sem significado e sem objetivo, mas retornando inevitavelmente sem fim ao nada: o eterno retorno.”⁵²

Benjamin reconhece em Baudelaire, Nietzsche e Blanqui a percepção desse tempo estagnado e patológico que converte o “palácio de cristal” do consumo capitalista, em suas passagens e galerias feéricas, em labirinto sem saída, um tempo espacializado, plasmado numa *mens momentanea*, sem passado e sem futuro, sem

50 BAUDELAIRE. *Spleen*, poema LXXVIII. Trad. Ivan Junqueira.

51 Cf. NIETZSCHE. *Der Wille zur Macht*, apud BENJAMIN, op. cit., p.155.

52 BENJAMIN. *Passagens*, D,81.

experiência.⁵³ Pesadelo do presente, Baudelaire assim o descreve em sua “Interpretação de sonhos”, “*Onéirocritie*”:

Sintomas de ruínas. Construções imensas, pelágicas, uma sobre a outra. Apartamentos, quartos, templos, galerias, escadas, becos sem saída, belvederes, postes de luz, fontes, estátuas. – Fendas, rachaduras. Umidade proveniente de um reservatório situado perto do céu. [...] Bem no alto uma coluna estala e suas duas extremidades se deslocam. Nada ainda desabou. Não consigo encontrar a saída. Desço, depois subo. Uma torre. – Labirinto. Nunca consegui sair. Morarei para todo o sempre numa construção que via desabar, uma construção afetada por uma doença secreta. – Calculo, mentalmente, para me divertir, se uma tão prodigiosa massa, pedras, mármore, estátuas, paredes que vão se chocar umas contra as outras, serão infectadas por essa multidão de cérebros, de carnes humanas e de ossadas trituradas. Vejo coisas tão terríveis em sonho que gostaria algumas vezes de não mais dormir, se tivesse certeza de não me fatigar demais.⁵⁴

Eternidade negativa, esse tempo doentio é um labirinto repleto de ruas, arcadas, escadarias e cadáveres.⁵⁵ O tempo encarcerado na repetição é também o do eterno retorno de Nietzsche:

E se, um dia ou uma noite qualquer, um demônio viesse sorrateiramente atrás de ti, perseguindo-te na tua mais solitária solidão, e te dissesse: ‘Esta vida que estás vivendo agora e já viveste, terá que ser vivida por ti mais uma vez e ainda mais incontáveis vezes; nada nela será novo, ao contrário, cada dor e cada prazer, cada pensamento e cada suspiro e tudo que existe de indescritivelmente pequeno e grande em toda vida terá de retornar, tudo na mesma sucessão e sequência – e assim também esta aranha e este luar por entre as árvores, e igualmente este instante e eu mesmo. A eterna ampulheta da existência será sempre virada de novo – e tu com ela, grãozinho de poeira’. – Não irias tu amaldiçoar o demônio que assim falasse? Ou terias tu vivido um instante formidável em que irias responder-lhe: ‘tu és um deus e nunca ouvi coisas mais divinas.’⁵⁶

53 Joseph Gabel compreende o tempo patológico no mundo do capital a partir da transformação da qualidade em quantidade, da espacialização da duração e da queda da qualidade dialética do vivido. (Cf. *La Fausse Conscience*. Paris: Minuit.).

54 NADAR. “Charles Baudelaire, Intime”, in BAUDELAIRE. *Oeuvres*, vol. II, “Le Spleen de Paris”, Notas.

55 BAULDELAIRE, Sintoma de Ruínas. BLANQUI. *L’Éternité par les astres*, op. cit., apud BENJAMIN, op. cit., p.154.

56 NIETZSCHE. *Gaia Ciência*, apud BENJAMIN, *Passagens*, op. cit., D10, 1, p. 158.

Fantasmagoria do espaço e de privação do espaço, Blanqui, por sua vez, escreve: “O que escrevo neste momento, numa cela do Fort de Taureau, eu o escrevi e o escreverei por toda a eternidade, à mesa, com uma pena, vestido como estou agora, em circunstâncias inteiramente semelhantes.”⁵⁷ Para Blanqui, os mundos constantemente ressurgem e se repetem, a morte sendo tão somente a desfazer-se de uma ordem, ou melhor, sua transformação em uma outra organização em um outro mundo, o mundo físico tendo tão somente uma espécie de término desde seu começo, desde seu “ não-começo”. Porque as combinações já existem em cópias incalculáveis no infinito espacial, o infinito temporal surge como o cenário de uma perpétua transformação das formas do universo, destruindo aqui o que será reconstruído em outra parte, deslocando incessantemente o lugar em que aparecem outras e mesmas combinações. Não por acaso, Benjamin aproximou Nietzsche a Blanqui, pois é Nietzsche quem escreve:

Se o mundo pode ser pensado como uma grandeza determinada de força e como um número determinado de centros de força – e qualquer outra representação seria *inútil* –, resulta daí que ele deve passar por um número calculável de combinações no grande jogo de dados de sua existência. Num tempo infinito, qualquer combinação possível seria atingida um dia, além disso, ela seria atingida infinitas vezes. E como entre cada combinação e seu retorno seguinte precisariam ter sido percorridas todas as combinações ainda possíveis – seria provado com isso um círculo de séries absolutamente idênticas... Esta concepção não é simplesmente mecanicista; pois se o fosse, ela não determinaria um retorno infinito de casos idênticos, e sim um estado final. *Porque* o mundo não o atingiu, o mecanicismo deve nos parecer uma hipótese incompleta e apenas provisória.⁵⁸

Para Blanqui, as formas realizam-se a todo instante, a “origem” não faz nada mais do que se reproduzir no século dos séculos, sempre no ponto de seu esgotamento que é simultaneamente seu ponto de partida, cada acontecimento é sempre o último e o primeiro, a origem estando sempre fora da origem, por ela ser a repetição infinita da origem. Outra maneira de dizer que não há origem nem fim, mas a coexistência repetida em cada instante:

Todo o universo se compõe de sistemas estelares. Para criá-los a natureza só tem de cem corpos simples e seu dispor. Apesar do partido prodigioso que ela sabe tirar destes recursos, e o número incalculável de combinações que elas

57 BLANQUI, op. cit., p..

58 NIETZSCHE. *Vontade de Potência*, apud BENJAMIN, op. cit., D8a,1, p. 156.

permitem a sua vontade, o resultado é necessariamente um número finito, como o dos próprios elementos. E para preencher a extensão, a natureza deve repetir ao infinito cada uma de suas combinações originais ou tipos. Qualquer astro, tanto faz, existe pois em número finito no tempo e no espaço, não apenas em um de seus aspectos, mas tão como se encontra em cada um dos segundos de sua duração, desde seu nascimento até sua morte. Todos os seres distribuídos em sua superfície, grandes ou pequenos, vivos ou inanimados, partilham o privilégio desta perenidade. A terra é um destes astros. Todo ser humano é pois eterno em cada um dos segundos de sua existência.⁵⁹

Não se trata em Blanqui da melancolia do *Eclesiastes* no qual “não há nada de novo sob o sol”, porque a repetição⁶⁰ não exclui, para Blanqui, a esperança. Assim, entre o “amar o que jamais se verá duas vezes” de Vigny e o *Einmal ist Keinmal* (uma única vez é nenhuma vez), se inscreve a “felicidade”. Pois, tudo seria perfeito se se pudesse ter uma segunda vez o que já se teve e se viver o que já se viveu.⁶¹ De onde, em meio à eterna repetição de mundos passados e dos que virão há, em *A Eternidade pelos Astros*, um “ princípio esperança”:

Só o capítulo das bifurcações permanece aberto à esperança. [...] Todas as coisas belas que verá nosso globo, nossos futuros descendentes já as viram, as veem neste momento e as verão sempre, bem entendido, sob a forma de

59 É interessante lembrar que a física contemporânea confirma as “fantasmagorias” de Blanqui, uma vez que a teoria da “gravidade quântica” de Carlo Rovelli e outros, funde a teoria da relatividade de Einstein com a teoria quântica. A teoria da relatividade considera que a matéria não é contínua, mas feita de partículas elementares, de “grãos”, como também a luz, as ondas. Já na teoria quântica, a matéria não é nem contínua nem descontínua, possuindo ambas as propriedades. Para a nova física o espaço não é um vazio, havendo pequenos grãos conectados entre si, mas com um mínimo de distância no espaço. O espaço é granuloso e fluído e o tempo também, o espaço-tempo é fluído e probabilístico. O tempo, que na física, já havia desaparecido na relatividade geral e na teoria quântica é o espaço que não existe mais como não existia no tempo anterior. Se no tempo da relatividade não há o tempo, na física mais contemporânea se requantifica o espaço-tempo, não havendo um tempo único. O tempo passa diferentemente na Terra e no espaço cósmico; em razão da gravidade, ele passa mais devagar no espaço sideral. (Cf. Carlo Rovelli, Théo Lepeltier, Pierre Bayard, *Il existe d'autres mondes* e *Revenances de l'Histoire* de Jean-françois Hamel).

60 Que se recorde o tema da repetição no livro X da República de Platão, quando, antes de reencarnação, as almas podem escolher a vida que terão, e as almas, tendo conservado reminiscências da vida anterior, tendem a escolher novamente a mesma vida, no caso, o tirano repetirá seu destino de tirano. Cf. também Freud, entre outros na literatura, como Bio Casares, Borges, ou Kierkegaard e *A Repetição*, Marx e o *Dezoito Brumário*, Schopenhauer *O mundo como Vontade e Representação*.

61 Blanqui inverte o platonismo que recusa a duplicação tanto no nível sensível quanto no metafísico. No *Crátilo*, Sócrates mostra que a perfeita reprodução de Crátilo culminaria não no duplo (duas vezes Crátilo) mas no absurdo, uma vez que é da essência de Crátilo ser um e não dois, sua essência definindo sua singularidade, singularidade por definição não duplicável, não imitável. Tampouco o objeto sensível poderia ser o duplo do inteligível de que ele seria a cópia, dado o caráter sempre decepcionante do sensível com respeito ao suprassensível. Se há cópia, é por esta ser sempre um mau duplo, uma duplicação falsificada, incapaz de dar tanto o outro quanto a si mesma, a duplicação sendo sempre um “menos ser”. Em Platão, os seres sensíveis jamais poderiam reconstituir-se em outros lugares, nem em um outro tempo.

sósias que os precederam e que virão depois deles [...]. Somos apenas fenômenos parciais de suas ressurreições. [...] Não há aqui nem revelação nem profecia, mas simples dedução da análise espectral e da cosmogonia de Laplace. Estas duas descobertas nos fazem eternos. Será uma dádiva? Aproveitemos. Será uma mistificação? Resignemo-nos. Mas não é um consolo se saber [...], sobre milhares de terras, em companhia de pessoas amadas que não são mais hoje para nós senão uma lembrança?⁶²

62 BLANQUI, op. cit., pp. 168-169.